

Relatório de Estágio na Editora Ponto de Fuga

Raquel Barbosa Paixão

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

Março 2022

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Pedro Sepúlveda.

Agradecimentos

À minha mãe e à minha irmã, por acreditarem em mim e pelas palavras de conforto quando eu mais precisava.

Às minhas amigas e colegas de universidade, Alice Castanho e Ana Catarina Pereira, pelo apoio ao longo da minha experiência acadêmica.

Ao Professor Pedro Sepúlveda, pela disponibilidade e orientação.

Ao Vladimiro Nunes, pelo acolhimento e amabilidade.

Relatório de Estágio na Editora Ponto de Fuga

Raquel Barbosa Paixão

Resumo

O presente relatório diz respeito à minha experiência como estagiária na editora Ponto de Fuga, entre outubro e dezembro de 2021, no âmbito da realização da componente não letiva do Mestrado em Edição de Texto.

Com ele pretendo apresentar a minha contribuição na editora ao longo destes 3 meses. Para melhor contextualizar o processo de escolha da entidade acolhedora, é feito primeiramente uma introdução sobre a editora e os seus fundadores. Segue-se a apresentação do projeto a mim atribuído, sem deixar de apresentar a autora Celeste de Andrade e descrever as tarefas realizadas, nomeadamente o processo de revisão de texto.

Por fim, é feito um balanço da experiência, que tem em conta as expectativas com que iniciei o estágio, as dificuldades sentidas, os conhecimentos adquiridos e o resultado do trabalho realizado na Ponto de Fuga.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio; Edição; Revisão; Ponto de Fuga.

Report on Internship at Ponto de Fuga Publishing House

Raquel Barbosa Paixão

Abstract

This report concerns my experience as an intern at Ponto de Fuga, between October and December 2021, within the scope of the non-teaching component of the Master in Editing and Publishing.

With it, I intend to present my contribution to the publishing house over this period. To better contextualize the process of choosing the host entity, I will proceed first with an introduction of the publisher and its founders. This is followed by the presentation of the project assigned to me, together with an introduction of the author Celeste Andrade and description of the tasks carried out, namely the editing process.

Finally, an evaluation is made concerning the expectations at the beginning of the internship, the difficulties felt throughout, acquired knowledge and the result of the work done at Ponto de Fuga.

KEYWORDS: Internship; editing; revision, Ponto de Fuga.

Índice

1.	Introdução.....	1
2.	A Editora	4
3.	O Estágio	6
1.1	Celeste Andrade	8
2.1	<i>Grades Vivas</i>	14
3.1	<i>Marlène, Matilde, Mariana</i>	18
4.1	<i>Outros Manuscritos</i>	21
4.	Conclusão.....	24
5.	Referências.....	26
6.	Anexos.....	27

1. Introdução

O presente relatório de estágio realizou-se no âmbito da componente não-letiva do Mestrado em Edição de Texto, com o principal objetivo de descrever a minha experiência enquanto estagiária, de outubro a dezembro de 2021, na editora Ponto de Fuga.

Era preferência minha optar por realizar um estágio como componente não letiva, com vista a completar o meu mestrado em Edição de Texto. Com esta decisão tomada, foram várias as editoras com as quais tentei entrar em contacto. Todo o processo de tentar arranjar um estágio é por vezes bastante angustiante, pois implica tentar entrar em contacto com várias casas editoriais e esperar que alguma tenha disponibilidade e interesse em acolher um estagiário. Das editoras que contatei, não obtive mais que cinco respostas, e nenhuma delas tinha sido até então positiva. Foi através de uma colega de universidade que tomei conhecimento da existência da Ponto de Fuga.

A primeira vez que falei com Vladimiro Nunes, um dos fundadores da Ponto de Fuga, foi por chamada telefónica. Nessa conversa, falámos um pouco sobre o meu mestrado e sobre a editora, abordando também os projetos que a ocupavam de momento. Discutimos interesses e preferências literárias, que me deram uma visão sobre quais as tarefas em que eu poderia vir a colaborar ao longo do estágio, fazendo sugestões entre as quais poderia escolher. Terminada a chamada, ficou acordado que iria estagiar na Ponto de Fuga e tornou-se evidente que iria ser uma experiência enriquecedora para mim.

Mais tarde, quando me encontrei presencialmente com o Vladimiro, discutimos de forma mais aprofundada o mundo editorial, particularmente tendo em consideração o contexto pandémico, o funcionamento da Ponto de Fuga e como seriam as minhas tarefas a desempenhar enquanto estagiária a distância. Entre os autores propostos para trabalho, o Vladimiro deu-me a conhecer um livro sobre o qual antes não tínhamos falado e sugeriu que me focasse num dos seus projetos mais recentes: fazer a revisão da obra de Celeste Andrade. De início, fiquei um pouco apreensiva. O meu percurso académico até então tinha sido bastante linear e sempre focado em obras e autores de língua estrangeira.

No entanto, era impossível não ficar também um tanto entusiasmada. Nada conhecia sobre Celeste Andrade, o que por si só diz muito sobre a necessidade de trazer de volta o nome e a obra desta escritora para o mundo dos leitores da Ponto de Fuga e não

só. Na realidade contemporânea em que vivemos, muitas vezes a preocupação principal de uma editora, nomeadamente das grandes editoras, é encontrar o próximo êxito, o próximo *best-seller*. Isso faz com que, inevitavelmente, muitos escritores portugueses que acabem por cair no esquecimento, principalmente se forem mulheres. No caso de Celeste Andrade, apesar da sua obra ter sido bem recebida na altura, também abordava temas considerados tabu para a época; além disso, apenas um livro foi publicado durante a sua vida.

É aqui, então, que entra Vladimiro Nunes e a Ponto de Fuga, com o objetivo de reeditar *Grades Vivas* e publicar também outras obras de Celeste, manuscritos que estão na posse da sua filha, Paula Nataniel. Não só era para mim emocionante ter a oportunidade de ler um livro como *Grades Vivas*, que na década de 50 abordava temáticas como a condição da mulher e o aborto, mas também poder ter acesso a manuscritos nunca antes publicados. Era, de certa forma, como se me tivesse caído um pequeno tesouro nas mãos (ou melhor, na caixa de e-mail), além de que para mim seria um ótimo desafio para expandir os meus conhecimentos e capacidades, já que estava mais habituada a ler e rever obras em inglês.

Dado o contexto pandémico em que nos encontramos, não foi possível para mim realizar o estágio presencialmente, tendo em conta o aumento de casos diários de COVID-19. Neste sentido, não houve oportunidade de passar por certas experiências ao trabalhar numa editora, como por exemplo, fazer visitas a gráficas ou assistir a reuniões com autores. Por outro lado, era de esperar que assim fosse, já que a maior parte do mestrado foi também a distância. A atmosfera de incerteza que o mundo editorial e, especificamente, a Ponto de Fuga, se encontrava acabou por limitar um pouco alguma experiência que poderia ter adquirido ao trabalhar neste meio, por não ter sido possível observar e compreender de forma mais próxima o funcionamento de uma editora independente. Além disso, este regime de teletrabalho influenciou o tipo de tarefas que viria a desempenhar ao longo do estágio. Processos como paginação, design, elaboração de *press releases*, não foram algo que pessoalmente exerci durante o estágio – ao invés disso, a minha principal e única tarefa foi, portanto, a revisão de textos.

Neste relatório, irei num primeiro momento falar sobre a entidade acolhedora, a Ponto de Fuga, apresentar um pouco a sua história, quem são os fundadores da Ponto de Fuga, os seus objetivos enquanto editora independente e mencionar alguns nomes e obras de relevância publicados por esta casa editorial nos últimos anos. Num segundo momento,

considere que não faria sentido falar sobre a obra de Celeste Andrade sem primeiro falar da autora de *Grades Vivas*. Para um romance que foi publicado com uma nota a informar que se tratava de uma obra de ficção, *Grades Vivas* é também um testemunho sobre a vida de Celeste Andrade. Quanto mais fui descobrindo sobre a escritora, mais se formavam ligações sobre o que tinha acabado de ler e rever. Naturalmente, um escritor coloca sempre uma parte de si na obra que cria; *Grades Vivas*, no entanto, acabou por causar algum escândalo na altura entre a família de Celeste, já que o seu pai era o conhecido José Carlos Rates, escritor e primeiro secretário-geral do Partido Comunista Português.

De seguida, irei descrever a experiência e refletir sobre o estágio em si, nomeadamente as tarefas desempenhadas – no meu caso, apenas a revisão – e o projeto a mim atribuído. Além de *Grades Vivas*, tive mais tarde acesso a três outros manuscritos de Celeste Andrade e foi-me proposto escolher um destes para fazer também revisão do mesmo. Irei mencionar como trabalhei ao longo do estágio, dúvidas que senti, indicações que foram dadas e o meu processo de revisão da obra de Celeste Andrade. Faço também uma curta menção dos manuscritos que não tive oportunidade de rever, mas de que li brevemente os capítulos iniciais, não deixando de notar o cunho pessoal de Celeste e semelhanças entre os manuscritos.

Para concluir, farei um balanço sobre as minhas impressões do estágio, as principais dificuldades sentidas e apreciarei de que forma a componente não letiva contribuiu para a minha experiência curricular e que conhecimentos adquiri ao longo do estágio, apesar de inevitavelmente afetado pelo contexto pandémico, o que, de certa forma, limitou a experiência por que tive oportunidade de passar.

2. A Editora

Em agosto de 2014 nasceu A Ponto de Fuga, fundada por Vladimiro Nunes e Fátima Fonseca. Diferente de outras grandes editoras que participam numa corrida à procura do próximo *best-seller*, a Ponto de Fuga foi criada a partir de um desejo de trazer de volta livros e autores há muito caídos no esquecimento, ou “perdidos no passado”.

Com isto em mente, as obras por si escolhidas são obras que não fazem parte do catálogo de outras editoras e que vão ao encontro dos seus gostos pessoais. No seu catálogo de livros estão incluídas obras portuguesas como de língua estrangeira, com diferentes géneros tal como ficção e não-ficção, literatura infantojuvenil e poesia. Destacam-se autores como Natália Correia e Antonio Muñoz Molina e obras como *No Alto da Árvore* da autoria de Margaret Atwood e traduzida por Margarida Vale de Gato. Destaca-se também *Momentos de Vida* de Virginia Woolf (2017), obra pela qual tenho particular interesse, uma coletânea de cinco textos autobiográficos anteriormente inéditos em Portugal. Adquiri uma cópia deste livro ao visitar Vladimiro na Feira do Livro no ano passado, após o editor ter mencionado que a Ponto de Fuga iria marcar presença neste evento. Apesar de a conversa ter sido breve, porque felizmente a banca da Ponto de Fuga tinha alguns visitantes, foi o primeiro encontro ao vivo com o Vladimiro e trocámos algumas primeiras impressões.

O meu segundo encontro ao vivo com o Vladimiro foi no seu escritório em Lisboa, na Fábrica Braço de Prata. Em conversa com o editor, fiquei também a perceber um pouco mais sobre o que o motivava e a sua paixão sobre o que faz na Ponto de Fuga. Pelas suas próprias palavras, o Vladimiro sempre foi um leitor ávido e, tal como eu, também tinha um gosto especial por literatura estrangeira quando era mais jovem. Vladimiro trabalhou como jornalista durante doze anos e durante esta fase da sua vida esteve em contacto com editoras (como por exemplo, a Tinta da China) para as quais fez algumas traduções, o que inegavelmente tornou a edição cada vez mais uma área de fascínio para si. Posteriormente, tanto por motivos de carreira como motivos pessoais, Vladimiro e a sua esposa, Fátima, também interessada pelas perspetivas de se lançarem no mercado editorial, acharam proveitoso tentar apostar na criação de uma editora. Como principal objetivo da editora, os seus fundadores queriam apostar num catálogo diversificado com uma abordagem generalista e sem restrições.

A Ponto de Fuga estreou-se com a reedição de volumes da série *Petzi* — *Petzi Constrói um Barco*, *Petzi e a Baleia*, e *Petzi e a Mãe Peixe* — publicados originalmente pela Editorial Verbo na década de 80, traduzidos diretamente do dinamarquês por Susana Janic. Foi no 63º aniversário dessa primeira publicação, em novembro de 2014, que a Ponto de Fuga lançou a sua edição. É de notar a estratégia da editora, que tira proveito de datas especiais e aniversários para lançar as suas publicações, de forma a ampliar a divulgação das mesmas. Isto verificou-se em vários projetos da Ponto de Fuga, como por exemplo, quando decidiram lançar dois livros no 25º aniversário da morte de Natália Correia – *Entre a Raiz e a Utopia* e *Descobri que Era Europeia*.

A Pim! Edições, a chancela da Ponto de Fuga, surge em 2015 no âmbito do 150º aniversário do nascimento de Beatrix Potter. Nesse ano, foram editados cerca de quatro volumes de contos infantis da autora entre julho e novembro. Em 2016, a Ponto de Fuga editou três outros volumes da série *Petzi*. Um projeto semelhante a *Momentos de Vida* de Virginia Woolf foi a publicação de *A Autobiografia de Alice B. Toklas*, de Gertrude Stein, nunca antes publicada em Portugal. Num encontro presencial com Vladimiro e com a minha colega Catarina, que está atualmente a completar o mestrado de Tradução, foi discutido esta obra que contém registo fotográfico da autora durante toda a sua vida, o que me deixou curiosa para a ler num futuro próximo.

O repertório da Ponto de Fuga engloba uma grande variedade de obras e nomes, não se limitando apenas a um género. Desde o infantojuvenil até à não-ficção, a editora pretende alargar o seu público-alvo e criar relações com diversos tipos diferentes de leitores.

3. O Estágio

Como já era de certa forma esperado, a minha experiência como estagiária na Ponto de Fuga não iria ser “normal”, ou pelo menos não iria ser como a idealizava já desde os meus tempos de licenciatura.

A nova realidade era a de um mundo em pandemia, a combater um vírus que limitou imenso o contacto com tudo e todos. Sendo assim, foi natural que o meu estágio fosse em casa, não sendo possível participar na realização de tarefas tradicionais do funcionamento de uma editora. A distância a que me encontrei da Ponto de Fuga permitiu apenas que, no meu caso, fosse feito trabalho de revisão de texto.

Apesar de discutir com o Vladimiro a possibilidade de ter que fazer algumas visitas ou tarefas em que fosse necessário deslocar-me até Lisboa, esses planos acabaram por não se concretizar. Inevitavelmente, teria que abandonar qualquer esperança de ir a gráficas, passar tardes longas nas bibliotecas a fazer pesquisa e realizar o meu estágio naquele pequeno escritório na Fábrica Braço de Prata que, apesar de pequeno, era acolhedor, com as suas estantes cheias de livros que me contavam a história de uma editora.

No primeiro dia de estágio, após falar brevemente com o Vladimiro ao telefone, esperei pacientemente por ficheiros cuja digitalização não tive oportunidade de fazer eu própria (processo em que participei mais tarde). Quando finalmente os tão esperados documentos me caíram na caixa de e-mail, foi meter mãos à obra e mergulhar em *Grades Vivas*.

Confesso que durante as primeiras semanas de estágio senti-me um pouco ansiosa em relação à gestão do tempo e à qualidade do meu trabalho. Apesar de o Vladimiro me ter dado algumas indicações antes de começar, como por exemplo, que teria de assinalar, através da caixa de comentário do Word, qualquer alteração ou sugestão que fizesse, questionava-me bastantes vezes se estaria a trabalhar bem ou o “suficiente”.

Depois dos últimos dois anos praticamente sentada à frente de um monitor a ter aulas a distância, seria de esperar que estivesse habituada a trabalhar desta forma no conforto da minha casa. No entanto, tendo passado já por esta experiência, sabia que afeta a minha produtividade e estou sujeita a um maior número de distrações.

Por um lado, não ter os horários fixos deu-me liberdade para escolher a altura do dia para trabalhar, para fazer pausas ao longo do dia e gerir o número de horas seguidas em que iria rever o livro. Pensei, numa primeira fase, tentar estabelecer um horário de 8 horas por dia, mas rapidamente percebi que nunca iria conseguir fazer disto uma constante.

Para tentar aumentar a minha produtividade nos dias mais lentos, fazia videochamadas por Zoom com a minha colega Catarina, que esteve também a estagiar com a Ponto de Fuga ao mesmo tempo que eu, responsável pelas tarefas de tradução. Apesar de termos trabalhos diferentes (ela estava encarregue de tradução e eu de revisão), fomos trocando impressões sobre os nossos projetos e oferecíamos ajuda uma à outra.

Durante o meu estágio, o livro que mais me ocupou foi *Grades Vivas*. Apenas numa fase mais tardia do estágio comecei a fazer a revisão de um outro manuscrito de Celeste intitulado *Marlène, Matilde, Mariana*¹, que nunca foi publicado. O plano inicial era fazer revisão de vários dos manuscritos da Celeste que estavam na posse da sua filha, mas dada a situação pandémica e por precaução, Paula apenas teve disponibilidade para nos fornecer estes manuscritos mais tarde do que o esperado.

Tendo isto em conta, senti que não trabalhei textos suficientes ao longo do estágio e apenas fiz revisão de texto de uma autora. Não posso negar que gostaria de ter revisto outros textos e autores, contudo, isto permitiu-me ter contacto com Celeste Andrade e a sua obra durante mais tempo, ao invés de tratar vários textos superficialmente.

¹ Ao longo deste relatório será sempre usada a versão francesa do nome Marlene ao referir-me ao manuscrito e ao nome da personagem, já que o manuscrito se apresenta na sua forma original e ainda não foi oficialmente publicado.

1.1 Celeste Andrade

A Celeste Andrade encaixa-se na perfeição dentro do perfil do que a Ponto de Fuga pretende editar. Em 2007, ano em que Celeste faleceu, *Grades Vivas* continuava a ser o seu único livro publicado, conhecido por poucos além do seu círculo mais íntimo. Publicado em 1954, *Grades Vivas* conta a história de uma menina com grandes sonhos. Isabel, a personagem principal, cresce numa realidade que, ao invés de nutrir a sua ambição e estimular os seus interesses, apenas a asfixia.

Neste projeto da Ponto de Fuga de divulgar Celeste Andrade e tentar dar-lhe o reconhecimento que merece, foi-me pedido que fizesse a revisão deste livro. Como recebi os ficheiros já preparados (um PDF pesquisável e um ficheiro Word), o meu primeiro passo foi ler a obra na sua totalidade para ficar a conhecer a escrita de Celeste Andrade.

Além de, numa fase inicial do estágio, apenas ter acesso a *Grades Vivas* como exemplo da sua escrita, não existe de momento em Portugal nenhum espólio da escritora, o que tornou também a minha pesquisa um pouco complicada. Foram várias as tentativas de Vladimiro para conseguir marcar um encontro com Paula Nataniel, filha de Celeste, em sua casa para conversar e ter acesso a álbuns e manuscritos de Celeste. No entanto, isto não foi possível até mais tarde, ainda durante o meu estágio.

Teria sido ideal, portanto, ter sido feito algum trabalho de pesquisa sobre Celeste Andrade antes de ler a sua obra. Pouco ou nada sobre a escritora estava disponível *on-line*, destacando-se um artigo da autoria de Susana Moreira Marques. Quando visitei Paula Nataniel com o Vladimiro, o editor perguntou-lhe se estaria aberta à possibilidade de se reunir o seu espólio, constituído pelos manuscritos e as fotografias da autora. Paula respondeu afirmativamente, o que me deixou com esperança de que, talvez num futuro próximo, novos leitores possam descobrir a obra de Celeste Andrade.

Dominada por algum receio, tentei focar-me na parte prática da revisão. Sem conhecer muito sobre a vida de Celeste Andrade, foram precisas algumas leituras e conversas com o Vladimiro numa fase mais avançada do meu estágio para ficar a perceber que a obra tinha de facto um carácter autobiográfico maior do que originalmente pensava. Tal como a personagem principal, Celeste Andrade foi uma menina com uma grande paixão por histórias e com grandes sonhos, mas que vivia num ambiente que a restringia.

Maria Celeste Freire de Andrade de Rates Costa nasceu em 1922, em Lisboa, filha de Maria da Conceição Andrade e José Carlos Rates. O seu amor por livros e leitura desde criança não era de estranhar, já que a sua família tinha vários escritores:

O escrever, na família, vem de longa data. Dos vivos, dois são conhecidos do público: meu tio João Pedro de Andrade e meu primo Garibaldi de Andrade. Depois, as pessoas que me rodeavam interessavam-se pela leitura. Discutiam as suas impressões na minha presença. De tal modo que os livros foram sempre para mim o meu «clima». É com eles que me sinto verdadeiramente eu, na medida em que me ajudam a descobrir-me, a compreender-me.²

São várias as referências em *Grades Vivas* como noutros manuscritos não publicados da autora que demonstram que Celeste era uma pessoa culta, apesar de a sua mãe não ter conseguido financiar os seus estudos, o que levou com que fosse morar com o seu pai aos 13 anos de idade.

Tal como a personagem de Isabel, Celeste teve um casamento pouco duradouro, acabando por casar uma segunda vez com Nataniel Costa, diplomata português e diretor literário da editora Estúdios Cor, que publicou *Grades Vivas* em 1954. Entre 1959 e 1962, Celeste Andrade residiu em França com o marido, onde este exercitava as funções de cônsul de Portugal. De acordo com Paula, sua filha, Celeste terá demonstrado interesse em retomar a sua carreira de escritora depois de voltar do estrangeiro, por volta da década de 80, mas afirmando que “já tinha passado muito tempo e ela já não estava dentro do meio.”³

Também nesta altura Celeste decide voltar a estudar e matricula-se na faculdade para tirar o curso de História de Arte, uma das suas áreas de interesse. Apesar de ser a sua grande paixão, a sua veia criativa não se limitava à escrita. Bastante ligada à cultura e às artes, via filmes, visitava monumentos, fez teatro experimental e também os seus próprios bordados e roupas. “O contacto com a realidade era um bocado brutal para ela” comentou

² Excerto de uma entrevista. Apenas tive acesso ao scan de uma página, que aparenta ser da revista O Século Ilustrado, mas cuja fonte não consigo identificar com absoluta certeza.

³ No artigo «Escritoras Esquecidas: Celeste Andrade e a absoluta necessidade de dizer o que se pensa», da autoria de Susana Moreira Marques.

Paula, em conversa com Susana Moreira Marques, “Alheava-se no mundo das artes, da cultura, do cinema.”⁴

De facto, à medida que ia descobrindo mais sobre Celeste Andrade, mais percebi que a dimensão autobiográfica de *Grades Vivas* era maior do que pensava. Quando foi publicado em 1954, apresentava uma nota em que a autora afirmava não se tratar de um livro autobiográfico e apresentando-o como obra de ficção. No entanto, quem fosse da família de Celeste saberia certamente que Isabel e Celeste eram demasiados parecidas, o que causou escândalo no seio familiar. Dado o carácter autobiográfico de *Grades Vivas*, o Vladimiro achou pertinente emprestar-me uma cópia do livro *Incorrigível, A História Desconhecida de Carlos Rates*, da autoria de Pedro Protes da Fonseca, com prefácio de Fernando Rosas, de modo a informar-me sobre quem era o pai de Celeste Andrade, José Carlos Rates. É com estas palavras que Protes da Fonseca abre o capítulo 20 de *Incorrigível*:

A intimidade que Carlos Rates tanto preservou aparece escancarada num romance publicado pela filha, Celeste Andrade, em 1954, ano da morte de Catarina Eufémia, às mãos de um tenente respeitador da ordem pública, pelo pecado de reivindicar mais sustento num Alentejo flagelado pela fome. (Fonseca, 2021, pg. 183)

No romance, Celeste é Isabel e Aura, a sua tia-madrasta, é Amélia. A madrasta de Isabel é uma mulher fria, hostil e submissa em relação ao marido. José⁵, em *Grades Vivas*, é um progenitor distante, envelhecido, na maior parte indiferente à filha, dependente da esposa e que não dispensa um serão no café para conversar sobre política com os seus companheiros:

Felizmente o pai parecera não ouvir. Ele era, de resto, pouco falador e as conversas guardava-as para os amigos, no café. Quando, porem, nesses dias, voltava para casa, vinha comunicativo, com um ar de satisfação nos olhos desbotados, e falava-nos familiarmente dos companheiros que não conhecíamos. Mas havia um

⁴ No artigo «Escritoras Esquecidas: Celeste Andrade e a absoluta necessidade de dizer o que se pensa», da autoria de Susana Moreira Marques.

⁵ É curioso observar que os progenitores de Isabel em *Grades Vivas* têm o mesmo nome que os progenitores de Celeste, Maria e José.

espinho a torturá-lo: é que não conseguia a adesão do doutor Curvelo à «tertúlia». E rematava aborrecido:

— Diz que lhe bastam os conhecimentos que tem, que todos os homens se parecem... Já é ser casmurro!

D. Amélia escutava-o atenta. Depois, servil, seguia-o até ao quarto, para o ajudar a despir, para lhe chegar as pantufas. Eu suspeitava que ela fazia queixas de mim, quando a sós com ele. Dia a dia, parecia-me notar no pai um desprendimento cada vez maior. Jurei então vingar-me, culpando-a de tudo o que me acontecia. (Andrade, pg. 169)

Com o seu pai, apenas em algumas cenas consegue Isabel ser alvo da bondade do pai, nomeadamente quando o tópico de conversação é literatura, uma paixão que partilhavam, tal como Celeste e José Carlos Rates. Tão rapidamente tinham um momento ternurento entre pai e filha como num momento próximo Isabel já era alvo de desprezo mais uma vez.

Sentia-me feliz nesses raros momentos em que o pai quebrava o seu mutismo e se dignava reparar em mim. Uma vaga intimidade D. Amélia, talvez se estabelecia entre nós... Se não fosse o pai falasse mais comigo, talvez gostasse mais de mim. E, timidamente, arriscava uma preferência.

— Tem sensibilidade, sim senhor... — dizia ele para a mulher.

D. Amelia exprimia logo a sua desaprovação:

— Que ideia a de mostrares esses livros à rapariga!...

Ela não queria que eu lhes mexesse porque vinham lá estátuas e pinturas de homens nus. Mas o pai não se importava com isso e quando eu o não incomodava contemplávamos os dois as gravuras, calados, de cabeças juntas. Foi numa dessas vezes que irrompeu em mim um irreprimível desejo de o ameigar e, quase com vergonha, beijei-o de fugida na face.

— Está quieta! — disse ele importunado, sem desviar o olhar do livro.

Senti-me gelar por dentro e, envergonhada, fiquei a ver aquela senhora nua que, de costas para nos, se mirava a um espelho que um cupido sustinha. (Andrade, pp. 125-126)

Logo no primeiro capítulo de *Grades Vivas*, Isabel observa através do vidro da janela a rua do bairro lisboeta em que reside, bairro esse pobre e melancólico com uma aura sombria:

DE cotovelos fincados na janela, tristonha e solitária, eu alongava o olhar sobre o velho bairro. Pelas sacadas e nos telhados fendidos de janelas, em tachos sem asas e latas ferrugentas, cresciam sardinheiras e craveiros raquíticos que punham manchas de purpura no cenário viscoso das frontarias; aqui e além, de caixotes meio-apodrecidos, emergiam pés de salsa de um verde tenro ou a haste curvada e melancólica de uma nespereira, de folhas escuras, rugosas e grossas. Nas escadas negras, degraus carunchosos gemiam sob os pés e, nas paredes, viam-se desenhos obscenos a carvão.

Ainda no mesmo capítulo, apenas algumas páginas à frente, entra em cena uma cega que dedilha num harmónio, enquanto uma criança canta sobre “o crime do Oliveirinha”:

— Esta é a história do crime de Oliveirinha: o marido que matou a mulher e a filha à enxadada... (...)

Cego de um ciúme louco

À enxadada a matou

Depois correu à filhinha

Que era loura e inocentinha

E no seu sangue as mãos manchou...

Que era loura e inocentinha

E no seu sangue as mãos manchou. (...) (Andrade, pp. 15-16)

Sem nunca antes ter lido a obra de Celeste Andrade, fiquei logo desde muito cedo impressionada não só com a sua escrita mas com a sua capacidade de criar imagens vívidas através da palavra. À medida que ia lendo o livro, conseguia imaginar claramente os cenários e as personagens da narrativa. O poeta José Gomes Ferreira, numa carta⁶ a Celeste, não se poupa às críticas positivas que faz de *Grades Vivas*:

⁶ Esta passagem da carta encontra-se num boletim de informação literária da Editorial Estúdios Cor, ao qual tive acesso.

Além destas qualidades, outra me tocou de maneira particular: a atmosfera lisboeta do livro, dada alias sem demagogia (conhece coisa mais irritante do que a demagogia de Paris?) nem exageros de pitoresco (a que só recorrem os pitosgas.) Essa atmosfera considero-a única no nosso romance contemporâneo – e comparável apenas, embora noutra direcção, à verdade de certas páginas de Irene Lisboa, grande escritora injustamente (e temporariamente, creio bem) esquecida.

Em resumo, V. pode gloriar-se de ter resolvido, duma penada, um problema que alguns críticos supunham insolúvel: escrever um romance que fosse ao mesmo tempo universal e cem por cento lisboeta.

Também é impossível ficar indiferente à maneira como Celeste aborda certos temas, como por exemplo, a violência contra as mulheres. Antes de começar a minha leitura de *Grades Vivas*, já tinha conversado com o Vladimiro sobre as temáticas presentes na obra, mas não deixa de ser impressionante como algo que era pouco comum, até mesmo considerado tabu na época, aparecesse com tanta normalidade nas páginas de *Grades Vivas*. Isto demonstra que, apesar de com alguma caução, até para proteger a sua família, Celeste Andrade não tinha medo de escrever sobre o que pensava.

2.1 *Grades Vivas*

O ficheiro com que trabalhei foi a versão digitalizada pelo Vladimiro de *Grades Vivas*. Felizmente, a qualidade da digitalização era boa, o que tornou mais fácil a tarefa de revisão do livro pois salvo algumas exceções, não foi necessário digitar grandes pedaços de texto no ficheiro Word. Sem acesso a uma cópia física, apenas consultava duas telas diferentes – o ficheiro em PDF pesquisável e o ficheiro Word, estabelecido inicialmente a partir de um programa de reconhecimento de texto, onde todas as minhas anotações eram colocadas em comentário.

Decidi primeiro fazer uma leitura de *Grades Vivas* para ter contacto com a obra, sem fazer qualquer revisão de texto. Durante a minha segunda leitura, adaptava o texto para fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento de 1,5. O meu foco seguinte foi fazer a atualização da grafia de acordo com o AO90. As ocorrências mais frequentes foram, por exemplo, «objecto» para «objeto», «hei-de» e «há-de» para «hei de» e «há de», respetivamente (ver Figura 1). Também verifiquei ocorrências mais frequentes como «arripiada» e «arripiou», «engulisse» e «bolia», que alterei para a grafia atual. Em termos de acentuação, aponteí várias ocorrências do uso de acento agudo em palavras como «fleumàticamente», «fàcilmente» e «dèbilmente».

A qualidade da digitalização feita e do ficheiro PDF eram bastante boas, no entanto, ao criar o ficheiro Word através do processo de reconhecimento automático de texto, é inevitável que houvesse problemas de formatação (ver Figura 2 e 3). A letra «h» muitas vezes era substituída pela letra «b», por exemplo, «filbinba» em vez de «filhinha», «inocentinba» em vez de «inocentinha»; também se registou este fenómeno com as letras «t» e «f», por exemplo, «inesperadamenfe» em vez de «inesperadamente». Palavras que fossem pouco visíveis tornam-se algo sem sentido, por exemplo, «sibds» em vez de «sabes». Os pontos de exclamação eram em grande parte substituídos pelo numeral 1, os travessões pelo sinal ortográfico «~» e as aspas pelos caracteres «< >».

Também sugeri a alteração do uso da letra «z» em algumas palavras para a letra «s», como em «lilazes» e «Terezinha». Verifiquei o uso da palavra «madraçona», no contexto da avó de Isabel acusar a mãe de a tratar como uma criança. «Madraçona» não existe no dicionário e, dado o contexto em que é usada, Celeste eventualmente quereria dizer «madraça», cuja definição é «aquele que não gosta de trabalhar, pessoa dada à ociosidade», nota que deixei em comentário (ver Figura 4).

A minha tarefa de revisão foi sem dúvida facilitada pela correção automática, pois apesar de ler várias vezes os mesmos segmentos de texto, é normal escapar alguma coisa. À medida que revia o texto, quer fosse uma dúvida que tinha ou mesmo uma correção, alterava a cor da palavra para vermelho (como se fosse a caneta vermelha de revisão, como dizia o Professor Rui Zink), de modo a ser mais fácil identificar as falhas mais comuns. Aqui, percebi o quão úteis tinham sido os exercícios feitos em aula da cadeira Técnicas de Edição, apesar de ser uma experiência particular rever um livro inteiro.

Quando tentava rever vários capítulos de uma vez só, percebi que se verificava mais frequentemente ter deixado alguns erros por rever, também porque a correção automática, apesar de útil, não é infalível. Deste modo, considerei que a minha produtividade e qualidade de revisão eram melhores quando fazia pequenos intervalos entre capítulos: primeiro, revia 2 ou 3 capítulos de cada vez e numa segunda fase revia por partes, estando o livro dividido em três: *Primeira Parte – No Velho Bairro*, *Segunda Parte – Metamorfose* e *Terceira Parte – Grades Vivas*.

Para além das correções mais óbvias, por vezes tinha dúvidas no que diz respeito às falas das personagens. Tal como a descrição dos cenários e das personagens, Celeste tinha uma forma de escrever os diálogos muito fiéis à oralidade da época e fazia uso de expressões tipicamente portuguesas. Uma ocorrência no livro é as formas «dize» e «dize-lhe», «traze» e «faze», mas apenas em diálogos. Simultaneamente, também é feito o uso de «diz», «traz» e «faz». Alguns recursos que utilizei para obter resposta às minhas dúvidas (além de perguntar ao Vladimiro) foram o Dicionário Priberam e o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Neste último, encontrei uma resposta, clarificando que estas formas verbais são “de natureza culta, (...) frequente, por exemplo, em romances do século XIX e dos primeiros decénios do século XX.” Apesar de o corretor automático do Word as registar como incorretas, apenas deixei em comentário que as formas diz/traz/faz são mais utilizadas no português contemporâneo, mas que as formas dize/traze/faze são um traço da época (ver Figura 5).

Noutra situação, fiquei na dúvida sobre uma fala da personagem D. Beatriz, quando Isabel e a família se mudam para uma nova habitação: «— São as hóspedes mais antigas que cá estão». Claramente, o termo «hóspedes» não está correto, do ponto de vista da grafia. No entanto, não seria estranho uma personagem como D. Beatriz, cujo grau de escolaridade não é especificado, empregasse a forma «hóspedes», tentando aqui usar o

feminino para se referir às três novas inquilinas, todas elas mulheres: Isabel, a sua mãe e a sua avó. Nesta situação, o Vladimiro disse-me para deixar em comentário o que achava, mencionado que em princípio seria para deixar como está na obra original. Tal como fiz com todas as correções e sugestões, deixei em comentário as duas formas referindo que «hóspedes» está graficamente correto e serve para ambos os géneros enquanto «hóspedas» poderia representar uma marca da oralidade da época em que se insere a obra (ver Figura 6).

Outras sugestões que fiz diziam respeito à pontuação (ver Figura 7 e 8), o que me fez lembrar muito os exercícios que fazíamos em aula com o Professor Zink. Numa turma com vários alunos, havia casos onde a maioria pontuava da mesma maneira; no entanto, também deixava sempre espaço para pontuarmos segmentos de texto de forma diferente, desde que o texto continuasse coerente. Neste sentido, enquanto revisora de *Grades Vivas*, não consegui resistir a tentar pontuar de maneira diferentes certos segmentos. Houve um segmento em particular, mais perto do fim da obra, em que também sugeri uma estrutura diferente. Neste capítulo, Isabel está acompanhada de Rogério, o seu marido, ao mesmo tempo em que está a fantasiar uma realidade alternativa onde o Doutor Rebelo, antigo professor de Isabel por quem tinha uma paixoneta, pede que ela fuja com ele.

«— Bons-dias, senhor doutor.

«— Bons-dias, Isabel.» (Fazia de conta que ele sabia meu nome.) «Como esta bonita com esse vestido...»

— Ela vai ficar ali toda a noite?... — sussurrou-me Rogério.

— Han? — fiz eu sobressaltada, olhando-o sem entender.

Ele apontou-me D. Amélia atarefada a esticar o pano no bastidor.

— Não sei...

Mas logo me senti fugir de novo. Caminhava agora por áleas floridas, apoiada ao ombro do doutor Rebelo, ao seu ombro forte. Sobre as nossas cabeças — como nos filmes de *music-ball* — caíam folhas prateadas, enquanto um doce planger de violinos e harpas se amortecia ao longe.

«— Isabel! — dizia ele. Foge comigo!

«— Para onde?

«—Que importa?! Para qualquer canto do mundo!» (Andrade, pg. 240)

Além de visualmente não ser apelativo, na minha opinião, também me pareceu que ficasse mais claro se em vez de aspas fosse utilizado o itálico. Isto, claro, tendo por base principalmente a minha experiência como leitora e não tanto como revisora, já que em muitos textos que li quando uma personagem está a sonhar ou pensa para si mesma, é utilizado o itálico para o demonstrar. Outra sugestão foi a de remover a frase entre parêntesis, por razões semelhantes, mas também por achar que era redundante já que todo o cenário era uma fantasia, um «faz-de-conta». Sendo assim, este excerto passava a ter o seguinte aspeto:

— *Bons-dias, senhor doutor.*

— *Bons-dias, Isabel. Como esta bonita com esse vestido...*

— Ela vai ficar ali toda a noite?... — sussurrou-me Rogério.

— Han? — fiz eu sobressaltada, olhando-o sem entender.

Ele apontou-me D. Amélia atarefada a esticar o pano no bastidor.

— Não sei...

Mas logo me senti fugir de novo. Caminhava agora por áleas floridas, apoiada ao ombro do doutor Rebelo, ao seu ombro forte. Sobre as nossas cabeças — como nos filmes de *music-ball* — caíam folhas prateadas, enquanto um doce planger de violinos e harpas se amortecia ao longe.

— *Isabel! — dizia ele. Foge comigo!*

— *Para onde?*

— *Que importa?! Para qualquer canto do mundo!* (Andrade, pg. 240)

Por ainda não ter muita experiência em revisão de texto propriamente dita, para além do que aprendi em aula, o feedback do Vladimiro após enviar a minha proposta de revisão foi bastante importante. Chamou-me à atenção principalmente para questões de formatação (tipo de letra, títulos, espaçamento), já que todas as sugestões que fazia era sempre em comentário. Apesar de ter algum receio de falhar ou cometer erros, questionando-me sempre se estava a fazer as coisas corretamente, acabei por sentir-me mais confortável à medida que o estágio avançava.

3.1 *Marlène, Matilde, Mariana*

Feita a revisão de *Grades Vivas*, estava na hora de passar a outro texto. No meu caso, tratou-se de um manuscrito inédito de Celeste Andrade, nunca antes publicado, o que meu deu uma sensação de que tinha um tesouro nas mãos, algo precioso pela qual ia ser responsável até certa altura. Dos três manuscritos que tinha à escolha, optei por *Marlène, Matilde, Mariana*, porque era um dos mais curtos e já estava a ficar sem tempo, já que infelizmente demorei mais do que esperava a rever *Grades Vivas*. Também fiquei intrigada pela sua estrutura, já que temos três histórias dentro de um só manuscrito.

Desta vez, em vez de começar por uma leitura da obra na sua totalidade, decidi que iria ler e fazer a revisão por partes. Em semelhança com *Grades Vivas*, temos a obra dividida também em três, sendo os nomes das personagens os títulos de cada parte. Em *Marlène, Matilde, Mariana*, um manuscrito que se divide em 3 novelas, a ação começa com Marlène no hospital, convencida que os médicos troçam de si, achando que não levam a sério a sua condição:

Sim, era verdade, chamava-se Marlene.

— Marlene que?

— Marlene Nunes.

— Estende-te aqui...

Marlene teve um sobressalto.

— Não, não te assustes!... O tratamento já acabou. É para descansares... mal te aguentas nas pernas...

O medico sorriu de viés, mostrando meia fieira de dentes sãos e certos:

— Um nome de vedeta!...

Ela não compreendeu a ironia, mas interceptou a olhadela que o medico deitou a um outro, quase um garoto, que começou a rir e inquiriu por seu turno, com olhar brejeiro:

— Como arranjaste tu isso, pequena?

Por que a tratavam por tu? Por que zombavam dela num momento daqueles, quando havia pouco supusera chegada a última hora? Aquela horrível lavagem ao estomago quase a fizera despedaçar-se em arrancos. Ah, por que não morrera ela?! Não desejava semelhantes torturas ao seu pior inimigo. (Andrade, s.d. pg. 1)

Até aqui, não são absolutamente claros os motivos de Marlène ter ido ao hospital, mas ao continuar a ler, percebemos que esta pode estar a referir-se a um aborto:

Sentou-se na marquesa e encarou os dois médicos com fingida indiferença. Achava-os antipáticos, malcriados, soberbos e, porque assim eram todas as pessoas importantes, não podia furtar-se a um respeito receoso.

— Que idade tens tu?

— Vinte anos.

E o mais novo, com o seu insuportável sorriso colado aos lábios:

— És muito jovem para morrer!

— De mais a mais quando se tem um nome de vedeta!...

Não havia que ver: troçavam dela!

— Não há nenhum homem que mereça esse sacrifício!... — tornou o garoto.

— Metem-se nas alhadas e depois aqui-del-rei!

— O melhor é podes um anúncio quando o pimpolho vier. Não faltará quem o queira... (Andrade, s.d. pg. 4)

As “alhadas”, o “pimpolho”, o facto de os médicos afirmarem que “é punido por lei” parecem apontar para uma tentativa de aborto. A violência e o assédio contra as mulheres, já sabendo que são temáticas que Celeste aborda sem qualquer pudor, são aqui também parte da narrativa. Mulheres agredidas por maridos ou empregadas assediadas por patrões são realidades que ainda hoje observamos. Cleide Andrade, prima de Celeste, descreveu que “era quase fatal” sofrer de assédio na altura⁷, refletindo a reação das personagens femininas na obra de Celeste face à violência física e psicológica que sofriam.

A conversão do ficheiro PDF pesquisável num ficheiro Word, através do reconhecimento automático de texto, fez com que houvesse problemas de formatação do texto, muito mais que em *Grades Vivas*, especialmente na segunda e terceira partes do livro. Muitas vezes, partes do texto original simplesmente não existiam ou tinham-se transformado em segmentos sem sentido (ver Figura 9). Por exemplo, foi necessário fazer correções como «rn» para «m», «vias» para «mais», «vivoras» para «vivias», «sini» para «sim» e «cada» para «roda». A palavra «alguns» transformava-se em «tssSBS» e «deixara de ver: morreram» no ficheiro Word aparecia como «deixara de veri morjèBBam». Nestas situações era essencial para mim ir fazendo algumas pausas ao longo do dia, porque senti

⁷ No artigo «Escritoras Esquecidas: Celeste Andrade e a absoluta necessidade de dizer o que se pensa», da autoria de Susana Moreira Marques.

que precisava de prestar mais atenção a este manuscrito do que a *Grades Vivas*. Precisava estar atenta a todas as aspas por fechar, às palavras que fosse necessário passar para itálico (que eram bastantes, já que os termos que deviam estar em itálico estavam anteriormente sublinhados), corrigir erros de pontuação e apagar qualquer símbolo que não pertencesse ao texto.

Quando faltava texto, inevitavelmente tinha que transcrever o que estava em falta para o Word, o que foi um processo um pouco demorado. Por já ter feito trabalho de revisão em *Grades Vivas*, por um lado, a revisão deste manuscrito tornou-se mais fácil: já me sentia mais confiante nas minhas capacidades e também já sabia como proceder. Ao contrário de *Grades Vivas*, em que o ficheiro que recebi já era uma digitalização do livro publicado, este manuscrito também apresentava correções nas margens, que foram sempre consideradas, mas também contribuíram para que a formatação do texto não fosse tão boa. Por exemplo, a expressão «de vidro» passava a ser «[^]e[^]idrei», os pontos de exclamação passavam a ser representados pelo numeral 1, a letra «p» muitas vezes era substituída pela letra «j» e segmentos que estivessem riscados no manuscrito passavam a ser um conjunto de números, letras e traços sem sentido.

Ao fazer a revisão, considerei sempre as alterações que estavam escritas nas margens. Algumas dessas alterações diziam respeito a espaçamentos e correção de grafia e pontuação, mas por vezes frases inteiras eram completamente alteradas ou eliminadas. Por exemplo, a frase «Eu sempre gostei de escrever direito por linhas tortas.» Na página onde se encontra, a frase aparece riscada com a nota na margem esquerda «Por isso faço sempre o contrário dos demais» (ver Figura 10). Outra situação, a frase «não dá nada!» também aparece riscada, com intenção de ser substituída por «está pela hora da morte!» (ver Figura 11). A página 106 do manuscrito contém um segmento completamente riscado, com a intenção de ser eliminado (ver Figura 12).

Apesar de praticamente toda a digitalização do documento ter ficado legível, houve uma ou outra situação em que estas anotações nas margens eram impossíveis de decifrar. Nesses casos, apenas deixei nota que deveria ser consultado o manuscrito original, que estava na posse do Vladimiro. No entanto, estas notas nem sempre eram visíveis no papel por estarem já bastante desvanecidas (ver Figura 13).

4.1 Outros Manuscritos

Quando pensava que a tal visita que Vladimiro mencionou no início do meu estágio já não se iria realizar, recebi um telefonema do editor que me deixou muito entusiasmada. Após meses a ler a obra de Celeste e sentir que tinha ficado a conhecer uma grande escritora, poderia agora ir conhecer ao vivo um membro da sua família.

Encontrei-me com o Vladimiro de manhã, com a intenção de passarmos o dia na casa de Paula, a fazer digitalizações dos manuscritos e a conversar sobre Celeste. Infelizmente, tal não foi possível, pois estávamos a passar por uma fase onde os casos de COVID-19 cresciam a cada dia e por precaução, Paula preferiu não arriscar. Mesmo assim, disponibilizou-nos amavelmente os manuscritos. Apenas tivemos tempo para trocar algumas impressões sobre os manuscritos, perguntar se Paula tinha alguma ideia sobre as datas em que possam ter sido escritos, ao que respondeu que não, mas que provavelmente teria sido depois de voltar do estrangeiro, na década de 80, quando tentou retomar a sua carreira como escritora. Não foi possível ver álbuns de família ao vivo, mas felizmente Vladimiro já tinha consigo algumas digitalizações, nomeadamente fotografias e publicações relacionadas à autora.

Apesar de o encontro não correr como esperava, deu-me mais algum material com que trabalhar. Após sairmos da casa de Paula, voltámos para a Fábrica Braço de Prata para digitalizarmos os manuscritos. Já que, da primeira vez, com *Grades Vivas*, tinha recebido os documentos já todos prontos, desta vez consegui observar as várias etapas prévias e participar no processo. Ao todo, trouxemos 3 manuscritos para Lisboa: *Marlène*, *Matilde*, *Mariana*; *Angelina e o Bode* e *Sinto Crescer as Margaridas Sobre Mim*. Era necessário fazer digitalizações das páginas uma a uma, processo relativamente simples, mas um pouco moroso.

Feitas as digitalizações de todas as páginas, era preciso verificar que tinham ficado bem feitas. Posteriormente, iríamos converter o ficheiro num PDF pesquisável e transferir o texto para um documento Word, cuja formatação teria que ser corrigida mais tarde. Durante este processo, o Vladimiro conversou comigo um pouco sobre o mercado editorial em Portugal, aconselhando que fosse contatando mais editoras e pedir para fazer testes de revisão. Confessou também que em Portugal as editoras passam muitas vezes por fases difíceis, especialmente editoras independentes e neste período de pandemia em que nos encontramos. Mesmo em regime freelance, disse-me que é necessário que uma

peessoa só seja uma espécie de *jack of all trades*, saber fazer não só boas revisões como boas traduções e é preferível ter-se menos clientes, mas constantes, do que muitos, que após um ou dois trabalhos não voltam a estabelecer contacto.

Neste dia, tive também o prazer de conhecer a Fátima, esposa de Vladimiro e fundadora, com ele, da Ponto de Fuga. Ouvi algumas histórias interessantes sobre as suas vidas profissionais, que também foram elucidativas sobre como funciona o contacto entre editores e autores. Com os manuscritos na minha caixa de e-mail, fui pensando nas palavras de Vladimiro.

Celeste Andrade tem uma maneira muito particular de iniciar a ação num livro. Ao meu lado, enquanto esperávamos que a máquina fizesse a sua parte do trabalho, Vladimiro folheava *Sinto Crescer as Margaridas Sobre Mim*, um dos manuscritos que Celeste nunca publicou. Apesar de não me recordar das palavras que usou exatamente, Vladimiro quebrou o silêncio de concentração que pairava sobre a sala com algo como “uau, havemos escritora”.

Já com pouco tempo, tinha-me sido aconselhado escolher um manuscrito e focar-me na revisão de um deles apenas. Não tendo conhecimento preciso sobre o conteúdo de cada um, optei por *Marlène*, *Matilde*, *Mariana*. No entanto, isso não me impediu de fazer uma leitura por alto dos outros manuscritos durante as minhas pausas, especialmente porque fiquei curiosa após as palavras de Vladimiro ao ler um dos manuscritos.

Em comum com *Grades Vivas*, os livros nunca publicados por Celeste têm um início marcante da ação. Em *Sinto Crescer as Margaridas Sobre Mim*, encontramos a personagem principal a mencionar “música de filme” troteando dentro da sua cabeça, como uma melodia presa no nosso consciente, mas com as frases seguintes ficamos a perceber que a cena se passa numa igreja, no dia de um funeral.

Uma música de filme trotava-lhe pela cabeça. Onde a fora buscar? Onde a ouvira? Como acompanhamento de fundo de que filme? Vira tantos... Quando? Que disparate! Numa ocasião daquelas!... Começara logo pela manhã quando chegara a igreja e se sentara ao lado do caixão sem olhar a morta. Além de Miguel, mais ninguém. Ainda era cedo. Ele parecia um embrulho atirado para a cadeira, amarfanhado, alheio a tudo. Nem uma flor. Visivelmente não tivera cabeça para isso; ela também não. Já não pensava em coroas, em palmas. Só flores. Esquecera-se completamente. Haveria por perto alguma florista? De novo o trecho de música se lhe

insinuava na mente, peganhento, imparável. Até ali! E não conseguia recordar-se de quando ou onde o ouvira. Isso parecia-lhe muito importante, tomava-se num tormento suplementar, como se se tratasse de uma coisa fundamental, decisiva. (Andrade, s.d. pg. 1)

Há ainda outro manuscrito de Celeste Andrade, *Angelina e o Bode*, cujo título informa sobre as principais personagens da narrativa – uma viúva, que "vive numa aldeia e vamos sabendo as histórias da aldeia através dela. Até que o bode morre."⁸ Verifiquei que, neste manuscrito em particular, ao contrário dos outros, está incluído um prefácio que aponta um quadro da pintora surrealista Leonor Fini como inspiração para a história. Além disso, é um dos manuscritos com o pseudónimo de Celeste, Cláudia Avelar (ver Figura 14). Não tive oportunidade de o ler nem rever ao longo do estágio pois acabei por escolher *Marlène, Matilde, Mariana*, mas fiquei bastante intrigada e com curiosidade de o ler quando mais tarde tiver oportunidade.

⁸ No artigo «Escritoras Esquecidas: Celeste Andrade e a absoluta necessidade de dizer o que se pensa», da autoria de Susana Moreira Marques.

4. Conclusão

Os últimos anos que temos vivido foram difíceis para todos nós. Apesar de já ter terminado a licenciatura há algum tempo, comecei o meu mestrado em tempo de pandemia, algo que, confesso, foi um pouco assustador. Não foi fácil, senti-me muitas vezes sem confiança e ansiosa, o que inevitavelmente afetou os meus estudos e sinceramente considerei muitas vezes desistir, especialmente após o segundo semestre do primeiro ano do mestrado.

Fico agora bastante contente e satisfeita por não o ter feito. Apesar de ter tido dificuldades, foi durante o meu estágio que percebi o quão importantes tinham sido as cadeiras que tinha frequentado no ano anterior. Foram várias as ocasiões em que, tanto quando fazia revisão como enquanto conversava com o Vladimiro, me lembrava das temáticas abordadas em aula ou das coisas novas que aprendi, nomeadamente no que diz respeito às cadeiras de Técnicas de Edição, História do Livro e Crítica Textual. Tive pena que não tenha sido possível usar os conhecimentos adquiridos nas cadeiras práticas, como por exemplo trabalhar com o InDesign, pois a distância a que me encontrava da Ponto de Fuga apenas permitiu que fosse exercida a tarefa de revisão de texto.

Não estaria a ser honesta se dissesse que o estágio correu exatamente como esperava. Já seria de esperar que uma possibilidade seria realizar o estágio a distância, mas não pude deixar de me sentir desiludida quando este cenário se confirmou. As minhas expectativas de poder trabalhar presencialmente numa editora, ter uma maior participação no que diz respeito à publicação de um livro e dirigir-me todos os dias a uma casa como a Ponto de Fuga não foram correspondidas. Apesar de sentir que a minha experiência nesta componente não letiva não foi totalmente completa, seria injusto desvalorizar o que aprendi ao longo destes meses. Ainda que possa não ter aprendido tanto sobre o funcionamento de uma editora, sinto que esta experiência me ajudou a crescer e a sentir-me mais confiante nas minhas capacidades.

Não só foi um prazer ficar a conhecer mais sobre a Celeste de Andrade e ler a sua obra, mas foi uma experiência única poder rever manuscritos seus nunca antes publicados. Contagiada também pelo próprio entusiasmo do Vladimiro, foi ótimo para mim poder utilizar os conhecimentos adquiridos durante o mestrado num projeto como este. Além disso, tendo em conta o meu percurso académico e interesse pela literatura inglesa, foi uma oportunidade para sair ainda mais da minha zona de conforto. Fiquei muito contente

e grata por ter tido a oportunidade de poder estagiar nesta casa editorial e ter ficado a conhecer a Ponto de Fuga, o seu trabalho e principalmente o Vladimiro e a Fátima.

Desde jovem que adorava ler e perder-me dentro de uma história, sem perceber o trabalho que é necessário até o livro ir parar às nossas mãos, sem reconhecer todas as etapas que constituem esse processo. Todo o processo de revisão, paginação, encadernação, os designs das capas e até a sua distribuição representam o esforço de diferentes partes para trazer os livros até às mãos do leitor. O que fui aprendendo ao longo da minha experiência académica foi que tarefas como a revisão são por vezes processos bastante repetitivos: corrigir uma palavra, adicionar um travessão, cortar uma vírgula. Acaba por ser até certo ponto um processo mecânico, mas indispensável. Para ser um bom editor, acredito que também temos que ser bons leitores. Não basta detetarmos erros ortográficos num texto ou atualizar a escrita de acordo com o acordo ortográfico em vigor, mas é preciso também dialogar com o texto, lê-lo mais que uma vez, não ter medo de interagir com o texto. Sinto que, neste aspeto, este estágio ajudou-me a perder um pouco o medo de cometer erros, de fazer sugestões, de participar – algo que senti durante a minha experiência académica.

5. Referências

- Andrade, C. (1954). *Grades Vivas*. 1º edição, Estúdios Cor. Lisboa.
- Andrade, C. (s.d). *Angelina e o Bode*. Manuscrito não publicado.
- Andrade, C. (s.d). *Marlène, Matilde, Mariana*. Manuscrito não publicado.
- Andrade, C. (s.d). *Sinto Crescer as Margaridas Sobre Mim*. Manuscrito não publicado.
- Fonseca, P. (2021). *Incorrigível - A História Desconhecida de Carlos Rates*. 1º edição, Ponto de Fuga. Lisboa.
- Lusa (2014) *Nova editora Ponto de Fuga estreia-se com reedição do “Petzi”*. Obtido em março de 2022, de Diário de Notícias: <https://www.dn.pt/artes/livros/nova-editora-ponto-de-fuga-estreia-se-com-reedicao-do-petzi-4218567.html>
- Marques, S. (2019) *Escritoras Esquecidas: Celeste Andrade e a absoluta necessidade de dizer o que se pensa*. Obtido em janeiro de 2022, de Jornal de Negócios: <https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/escritoras-esquecidas-celeste-andrade-e-a-absoluta-necessidade-de-dizer-o-que-se-pensa>
- Woolf, V. (2017). *Momentos de Vida*. 1º edição, Ponto de Fuga. Lisboa.

6. Anexos

— Que Deus o ajude tanto quanto você me ajudou! Que a casa se desfaça em pó e a lepra o roa até cair aos pedaços!

E num passo rápido saiu altiva, blasfemando enquanto caminhava:

— Qual Deus, quais santos, qual carapuça! Tudo isso é uma corja!

Eu quase corria atrás para conseguir alcançá-la.

A avó bradou ainda, odienta:

— Deixa estar que lhe ~~haide~~ pôr uma salga à porta! ~~Háide~~ rebentar!...

Ao fim de alguns metros daquela caminhada vertiginosa, a avó começou a ficar para trás e a cara engelhou-se de cansaço.

Agora, era eu quem tinha de abrandar a marcha.

A avó parou hesitante no meio do quarto imerso no escuro:

— O que é que eu ia buscar?... Ah, já sei! — acrescentou, batendo com a mão na testa.

E saiu como um pássaro negro, irreal e lúgubre, com o ~~chavile~~ a adejar em duas pontas que lhe pendiam dos lados, como duas asas murchas.

A mãe mantinha-se imóvel.

Pouco depois vi bruxulear uma luz pela bandeira da porta e a avó reapareceu com o candeeiro fumegante. Sombras correram pela parede. Como que envergonhados, os móveis dissimulavam-se pelos cantos.

A avó colocou o candeeiro sobre a mesa. A mãe olhou-a com os olhos vermelhos e, ajoelhando-se ao pé da mala, revolveu os trapos e começou a tirar as minhas coisas.

Eu olhava em silêncio.

Um cheiro insuportável a petróleo enchia a casa e uma luz baça iluminava ~~debilmente~~ o quarto, lançando para o ~~lacto~~ um negro pincel de fumo. A sombra de minha mãe, engrandecida, dançava na parede.

— Isabel... — disse ela.

Deteve-se confusa e ficou calada durante uns segundos.



Raquel Paixão

hei de

Responder

Raquel Paixão

há de

Responder

Raquel Paixão

xaille

Responder

Raquel Paixão

debilmente, retirar acento

Responder

Figura 1 - Correções em caixa de comentário

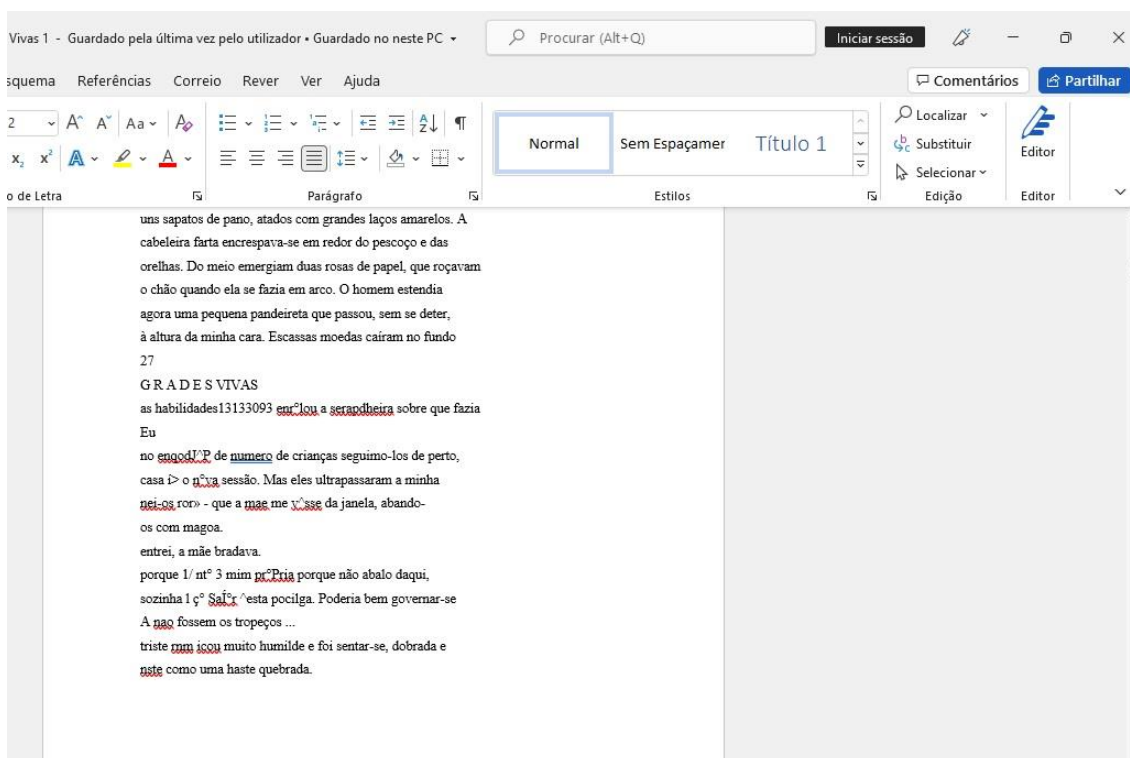


Figura 2 - Exemplo de problemas de formatação em Grades Vivas, após o ficheiro Word ser criado através do programa de reconhecimento de texto

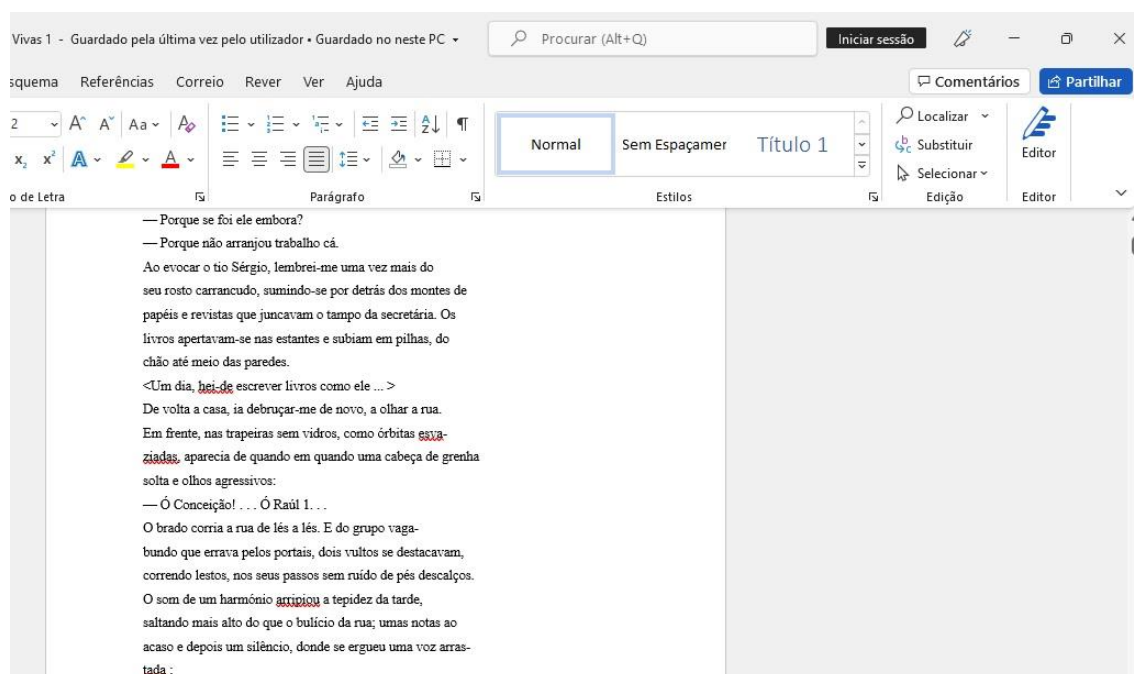


Figura 3 - Outro exemplo de problemas de formatação em Grades Vivas, pré-revisão

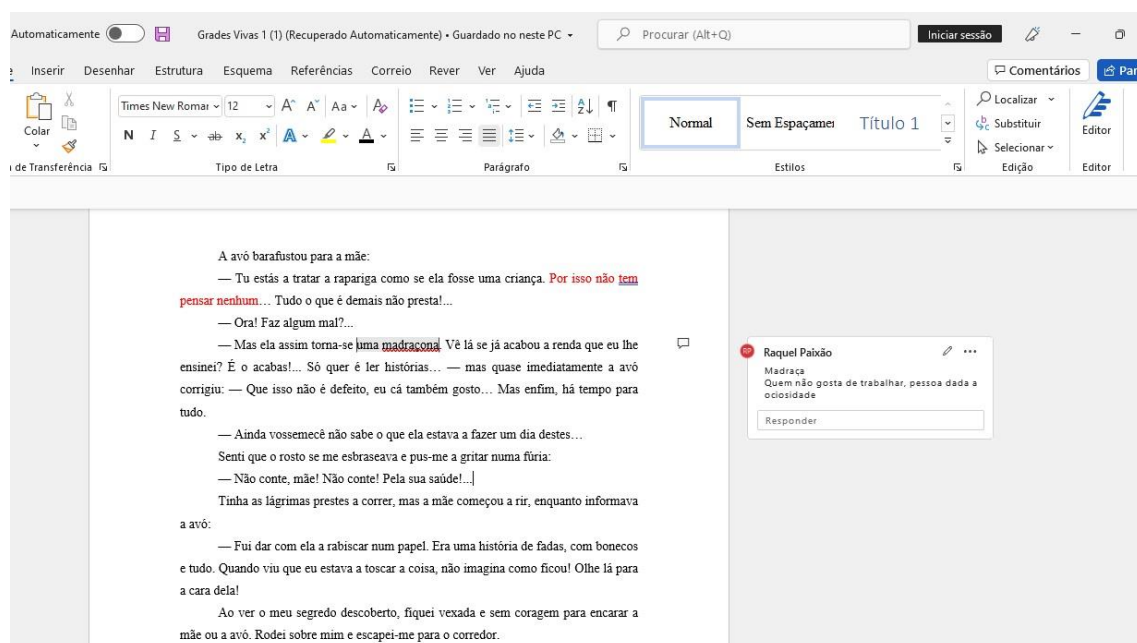


Figura 4 - Correção com comentário sobre grafia

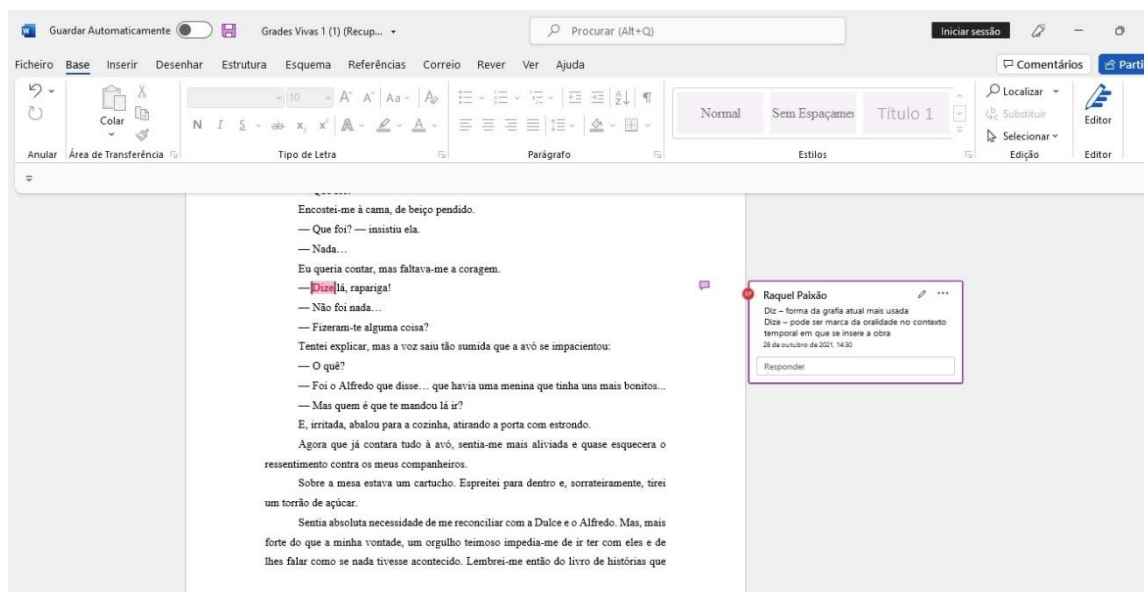


Figura 5 - Comentário sobre a grafia da palavra «Dize»

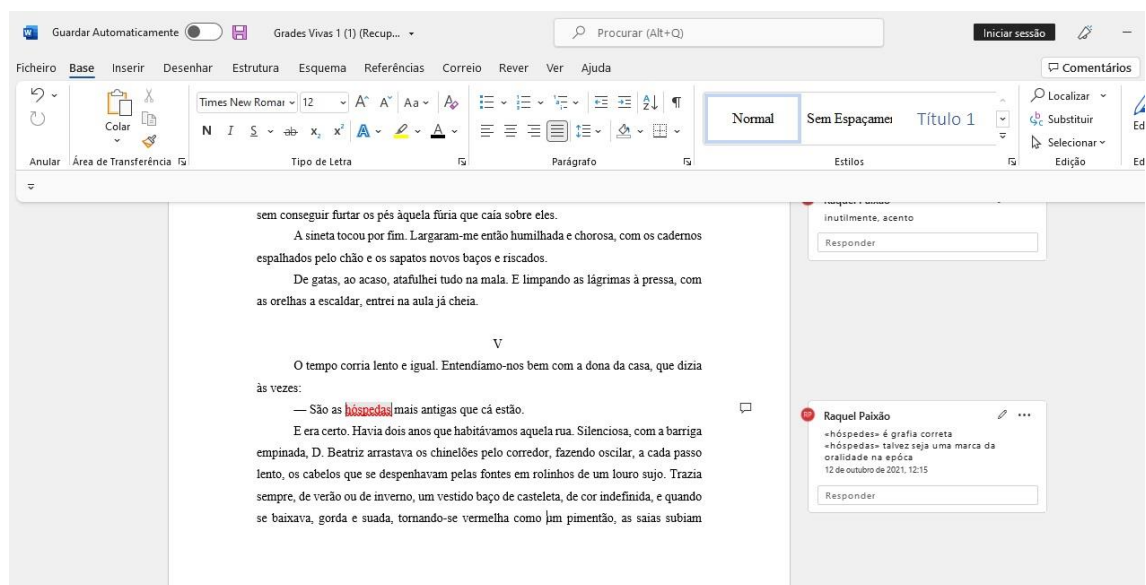


Figura 6 - Comentário sobre a grafia da palavra «hóspedes»

Vagarosamente, comecei a mascar o pão, pensando que talvez ainda fosse tempo de lhe falar. **Mas a mãe não olhava para mim, afadigada; e acabando o trabalho, cortou a linha com os dentes e cuspiu-a de seguida para o sobrado.**

— Tenha cuidado, mãe — disse ela, dirigindo-se à avó, — não aperte muito, senão rompe-se outra vez.

Contrafeita, engoli o último naco de pão.

A avó ajeitou os cabelos rebeldes debaixo da seda puida. Com os olhos a arder, cheguei-me à mãe, que me fitava em silêncio, no meio da casa. Segurou-me pelos ombros e deu-me dois beijos fugidios.

Senti que nesse momento representava um grande papel. Por instantes pairou pela casa um ar de tristeza que me constrangeu. Qualquer coisa de muito importante se estava a passar. A Adélia viera, sorradeira, encostar-se à porta. Eu quase me achava deleitada por ser o centro de todas as atenções. Dirigi-me para ela, que me estendeu a cara lisa e rosada. E enquanto me compunha a gola do vestido, foi dizendo:

— Adeus, **cachopa!** Agora vê lá se não apareces...

Preparávamo-nos para sair, quando D. Beatriz surgiu do fundo do corredor, gorda e lenta no seu vestido escuro.

— Deus te guie, rapariga! — disse ela infinitamente triste.

— Que vás em bem... Vê se quebras o enguiço que nasceu contigo. Mas isto quando a roda começa a desandar...

Sáimos para a rua. Rapazes descalços jogavam o berlinde. A avó, trôpega, caminhava a meu lado de cabeça baixa. Eu seguia-a segurando a minha trouxa, impressionada ainda pelas palavras de D. Beatriz.

Ao dobrar a esquina, voltei-me. Avistei a mãe, imóvel, à janela. Sacudi o braço num breve adeus. E, em silêncio, afastámo-nos do velho bairro.



Raquel Paixão

Mas a mãe, **afadigada**, não olhava para mim; **acabando** o trabalho, cortou a linha com os dentes e cuspiu-a de seguida para o sobrado.

Responder



Raquel Paixão

cachopa

Responder

Figura 7 - Sugestão de pontuação

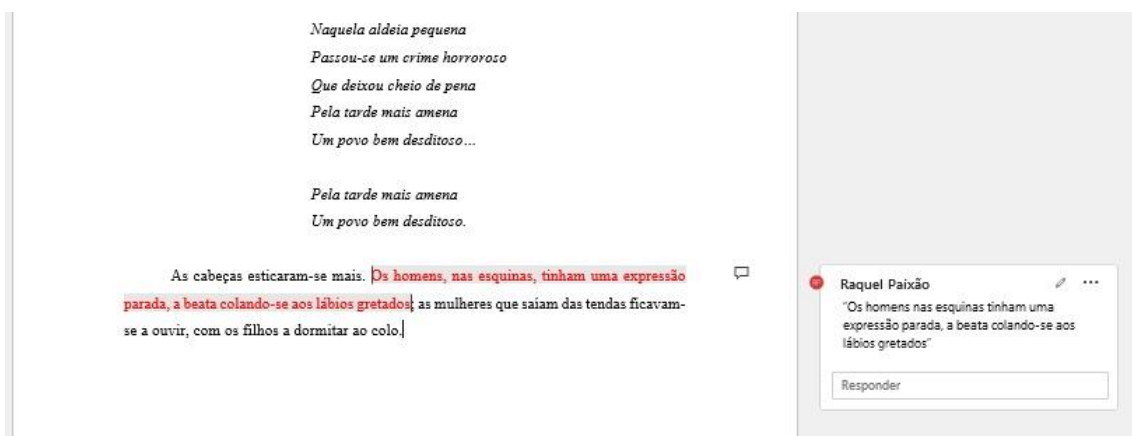


Figura 8 - Exemplo de outra sugestão de pontuação

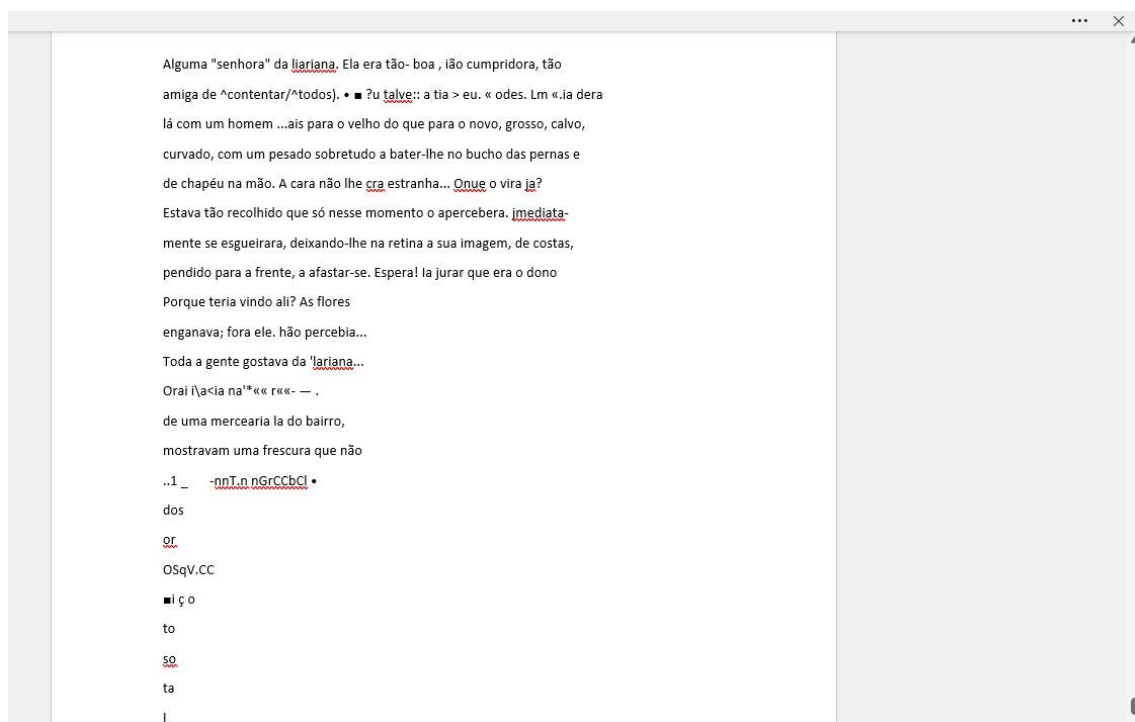


Figura 9 - Exemplo de problemas de formatação em Marlène, Matilde, Mariana, pré-revisão

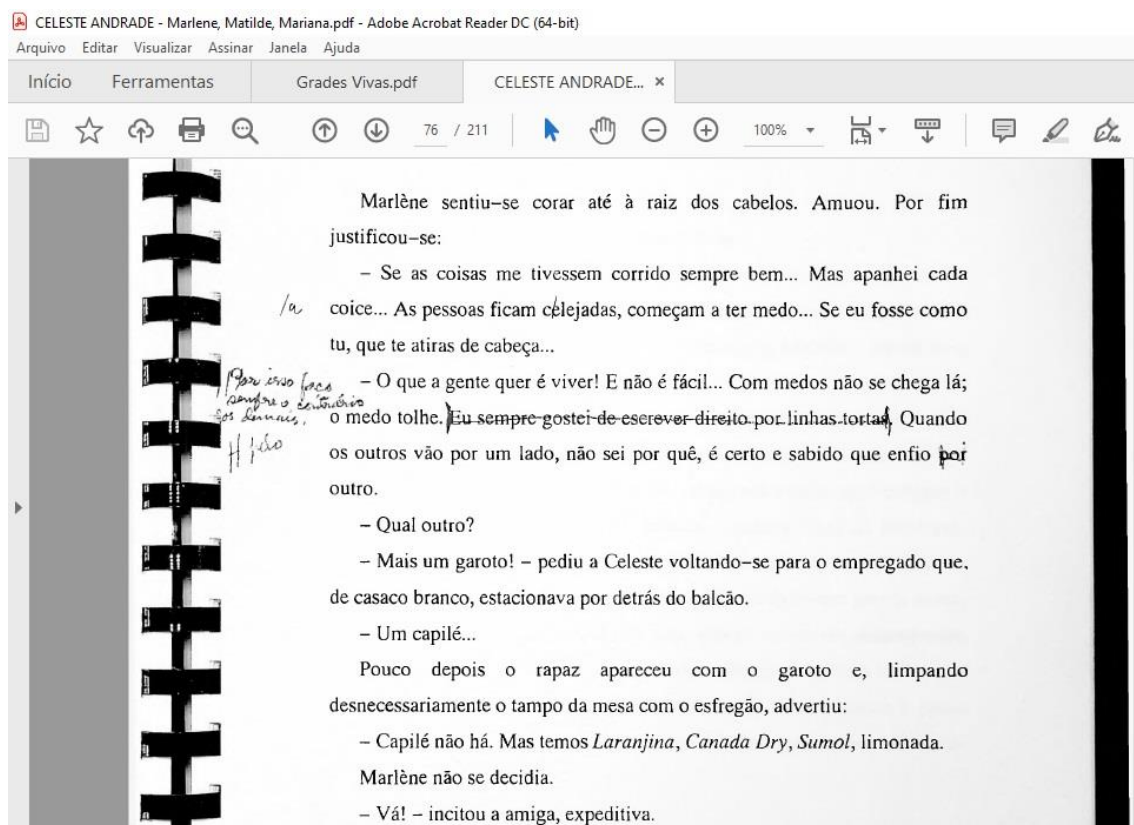


Figura 10 - Substituição de uma frase, com nota na margem esquerda

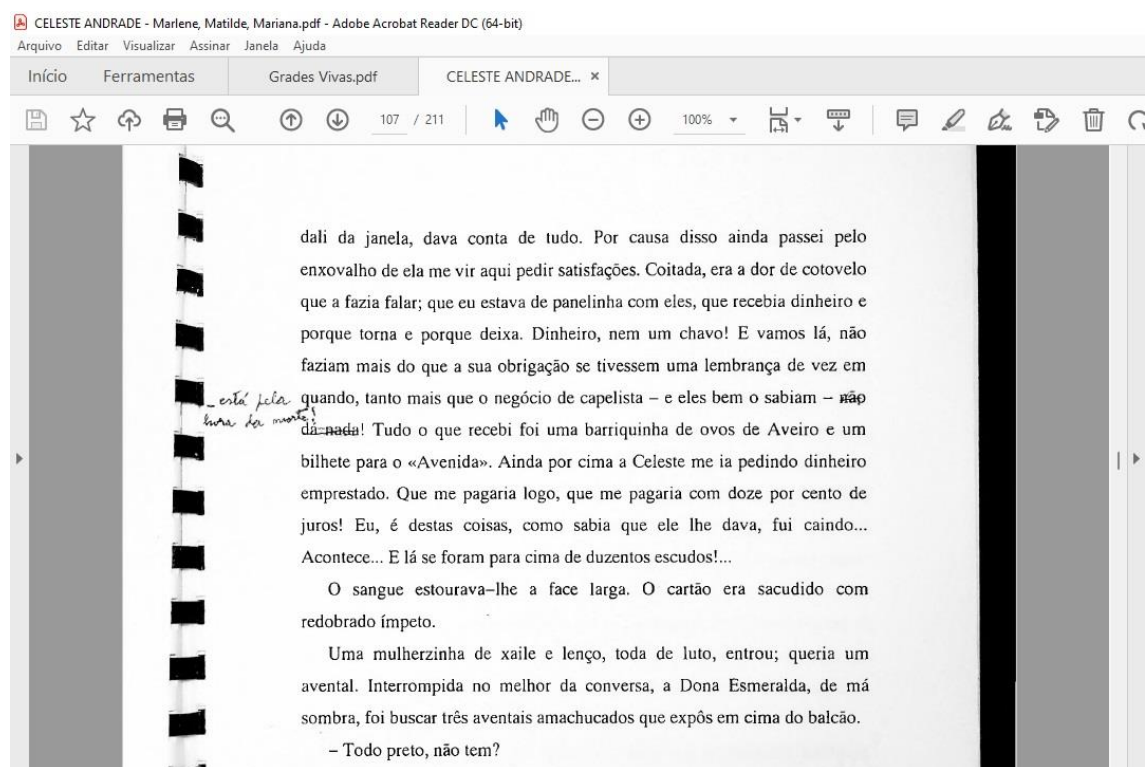


Figura 11 - Outro exemplo de substituição com nota na margem esquerda, em Marlène, Matilde, Mariana

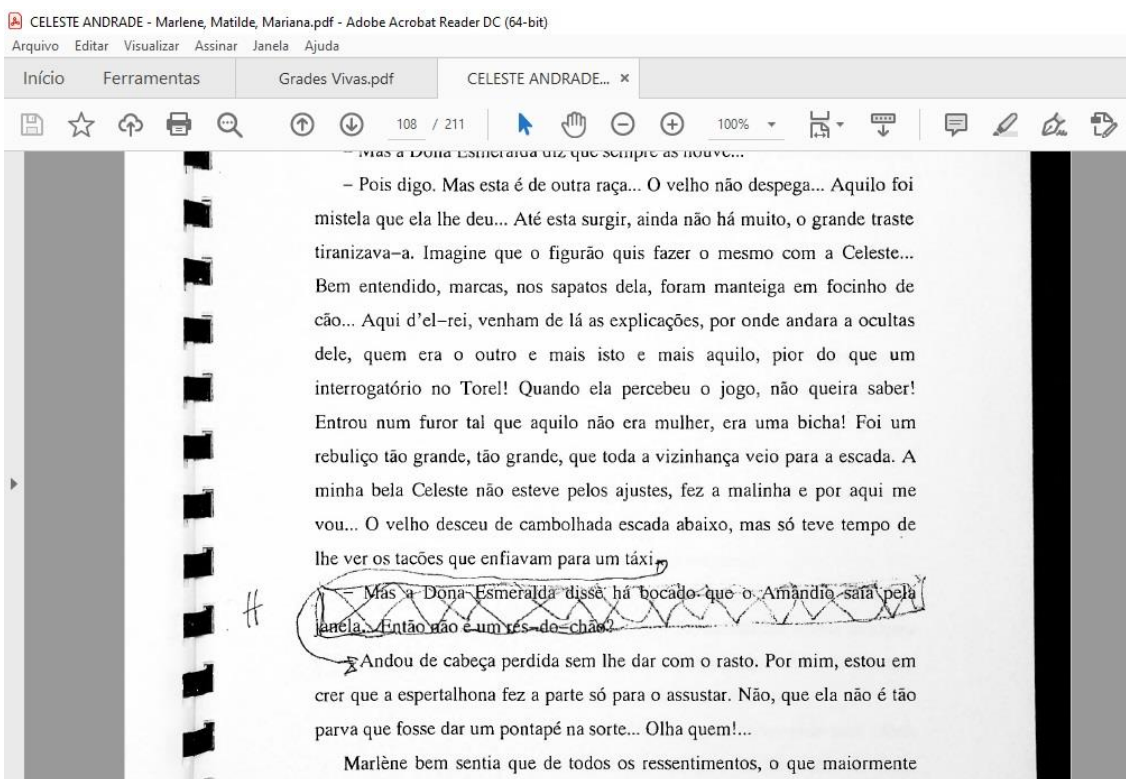


Figura 12 - Segmento no texto completamente riscado

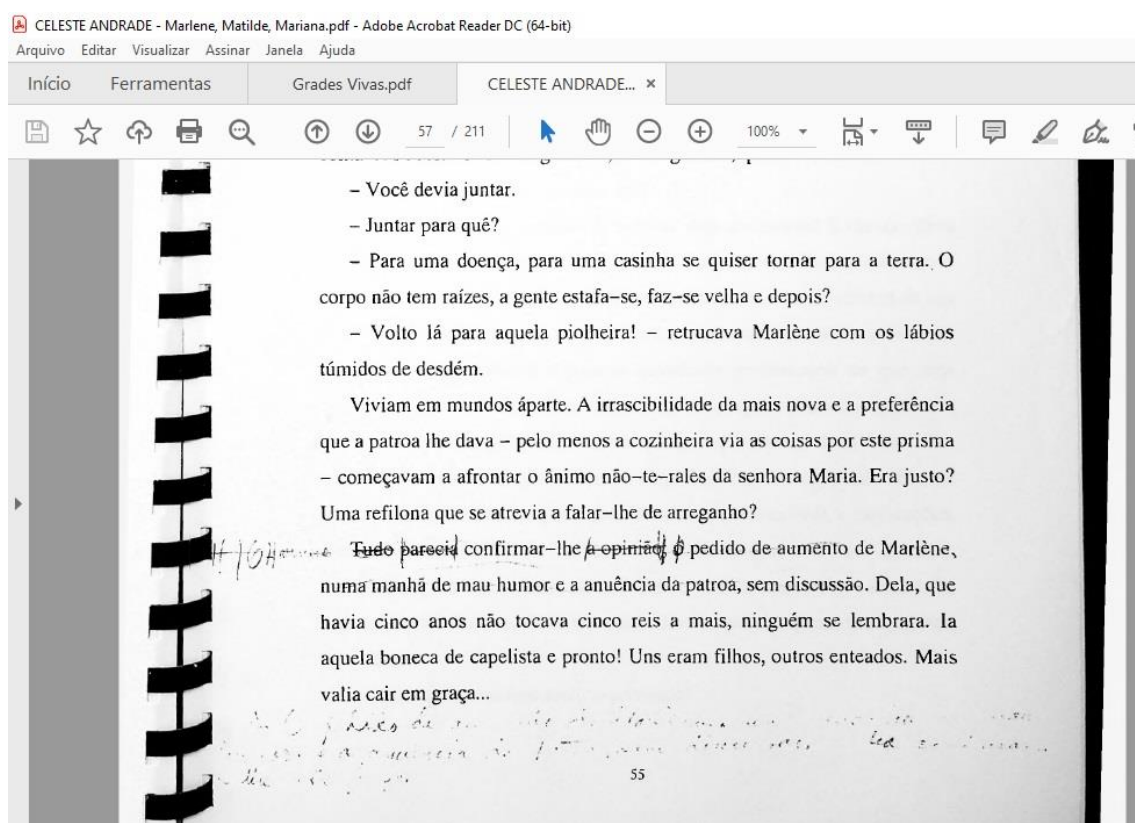


Figura 13 - Segmento do texto com notas não legíveis pelo ficheiro PDF

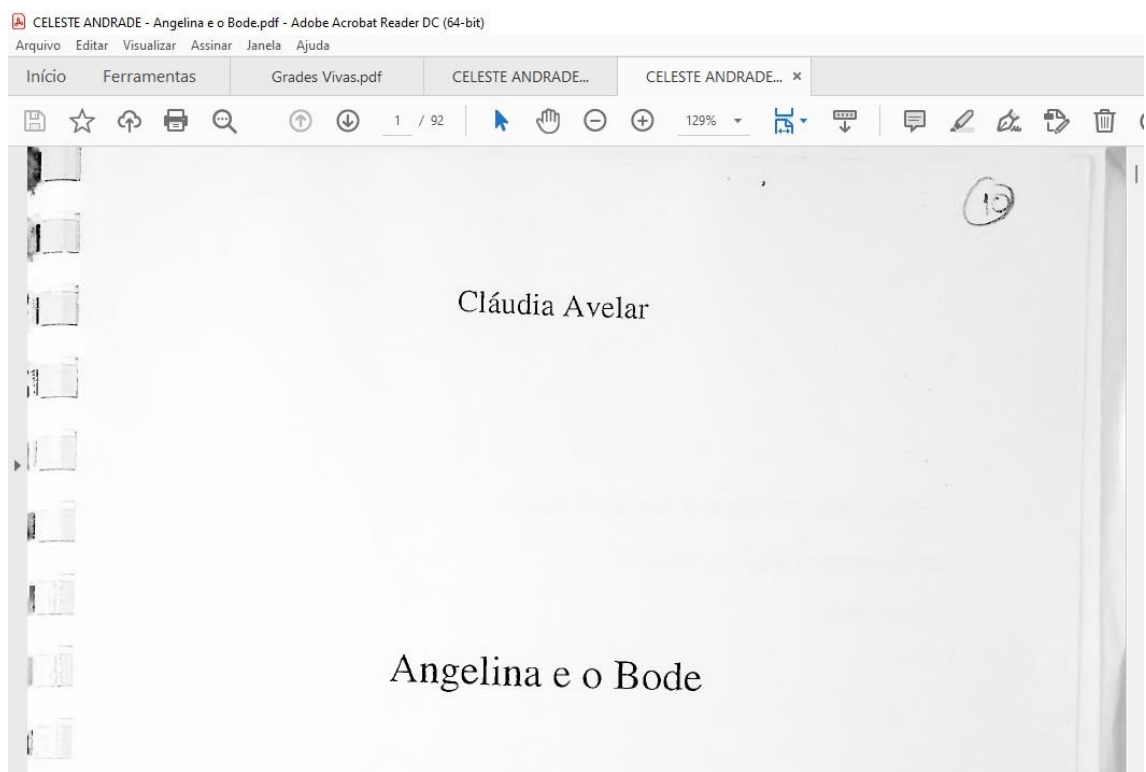


Figura 14 - Capa do manuscrito *Angelina e o Bode*, com o pseudónimo *Cláudia Avelar*